

(Entram Nei Requião, José Porfírio e Policiais. Brás das Flores vê, sai correndo e cantando.)

Até logo, seu.

Sabe, me esqueci
que tenho outro encontro
com o Zebedeu.

(Roque não reparou, continua resmungando, triste "se correr o bicho pega, etc." José Porfírio aponta Roque. Os Policiais o prendem. Arrastam-no, Roque sai resmungando. Nei Requião vai saindo. Pára. Volta e diz ao público.)

NEI REQUIÃO

Com a prisão dêsse ingrato
termina o segundo ato!

Terceiro Ato

Abre. Roque vestido de prêso, na cadeia, olha o piblico desconsolado. Muitas marmitas na cela. De fora, vem um vozerio. Entra o carcereiro.

CARCEREIRO

Bom-dia, sou o carcereiro.
É evidente, um frustrado,
com a alma em formigueiro,
um cético, um desolado.
Eis que então me vingo nêles.
Como disse Marx, sou
vítima da sociedade.
Claro, dialéticamente,
sou seu carrasco também.
Logo: inocente e culpado.
Sou, enfim, um alienado.

(Fala com Roque.)

Olha aí, ô, celerado,
t'ái fora uma visita.
Você não é importante
e só está prêso há um mês.
É uma proteção gritante.

(Faz sinal. Brás entra, todo de branco, anéis nos dedos. Roque olha sem reconhecer.)

ROQUE

O senhor é o advogado?
Olhe, eu não sou culpado.

BRÁS DAS FLORES

Equivocou-se. Olhe bem.
Olhe de frente e de lado.

ROQUE

E' o Brás das Flores, toque!

BRÁS DAS FLORES

Eu, Roque dos meus amôres!

(Abracam-se.)

ROQUE

Eu não te reconheci.
Como você está mudado!

BRÁS DAS FLORES

É, progredi, progredi.
nesta grande capital,
aqui, vim, vi e venci.
Trago muitas novidades:
só falam de você, Roque,
nesta e nas outras cidades.
Oíça. Está ouvindo, não?
É gente que veio pedir
por sua libertação.

(Ao público.)

Evidentemente esta
cena de massa se passa
antes da revolução.

(Pega um jornal. Lê.)

126

“Roque: prisão preventiva?
Juiz dirá sim ou não”.

(Outro jornal.)

Olhe aqui, seu, é você:

(Lê.)

“Tem uma cara de lambão
mas prega a subversão”.
Todos dizem: quem ficar
do lado de Roque ganha
mole, mole essa eleição.
Seu caso abalou o povo
família, clero, nação.
Tem aí um candidato,
um tal de Jesus Glicério,
só fala em ti nos comícios.
Mas é melhor eu lhe dar
o panorama geral
da campanha eleitoral.
O primeiro colocado
é o Senador Furtado.
E em segundo lugar,
concorrente muito sério,
avança o Jesus Glicério,
candidato popular.
Lá muito atrás, no rabão,
com pinta de derrotado
vem o doutor Requião.
E dizem que anda mal
assim e que vai perder
porque mandou te prender.

ROQUE

Quer dizer que eu sou o tal?

BRÁS DAS FLORES

O Glicério enquanto isso
sobe sua cotação
porque pede nos comícios

127

a tua libertação.

Acusam êle de ter muita idéia ruim.

Quer tomar terra dos outros.

Segundo disseram a mim,

se fôr eleito, ninguém

vai poder ter nem jardim!

Nossa sorte é que Jesus

sendo candidato pobre

não tem prestígio nem cobre

pra te tirar da prisão.

ROQUE

Mas por que tanta emoção?

BRÁS DAS FLORES

Tanta emoção? Ora essa...

Nós ficamos na conversa...

e esqueci de te dizer:

sou escritor, é a glória!

Ganhei dinheiro a granel

porque contei sua história

num livrinho de cordel.

(*Mostra o livro.*)

"As aventuras de Roque

Penaforte de Murgel"

Bem escritinho, capinha

em cores e bom papel.

Logo virou *best-sel*.

Mas se você é inocente

a venda cai de repente,

lá se vai o pé-de-meia.

Mas se você conseguir

uns dois anos de cadeia

a venda assim vai subir.

Mais de dois é sacanagem.

Claro está que ainda teríamos

de ver sua percentagem...

(*Roque louco da vida.*)

ROQUE

Não me chamo Penaforte...

(*Avança para Brás.*)

BRÁS DAS FLORES

É minha a idéia do nome.

(*Vai recuando.*)

Uma licença poética....

Não... não é falta de ética...

Afinal, eu faço tudo.

Escrevo, vendo, anuncio.

Você fica no macio.

(*Foge.*)

Eu lhe ofereço um negócio

e em troca sou agredido!

Ah, como todo escritor

sou um incompreendido!

(*Sai. Roque fulo. Entra a carcereira, põe uma marmita junto com as outras. Se atira em Roque, beija-o.*)

ROQUE

Esta é a quinta vez

que você me traz o almôço.

Seu marido desconfia

e me arma um alvôrço.

(*Carcereira chora.*)

CARCEREIRA

Acho que vão te soltar.

Acho que vão te soltar.

ROQUE

Ninguém quer me ver lá fora!
Não, não, que é isso? Não chora.

CARCEREIRA

Ah, não vem me consolar...

ROQUE

Calma, escuta por favor:
Quem me prendeu foi Requião.
É esse tal Senador
é ligado ao Honorato
que me toma pelo cão.

CARCEREIRA

Mas ele vem hoje aqui.

(*Vozerio, fora, aumenta.*)

ROQUE

Não pode ser, coração.

VOZ DO CORONEL

Mas vamos, abram caminho
para o Senador passar!
O Senador quer passar!

(*Carcereira dá um tapa em Roque.*)

CARCEREIRA

Viu? Chegou o Senador.
Nunca mais falo contigo.
Não passas de um traidor.

(*Carcereira cruza com o marido e um bando de fotógrafos querendo entrar. Carcereiro abre caminho para o Senador, Coronel e Furtado.*)

VOZES

Não dá, é muito apertado.
Preciso fotografar.
Chega um pouco pra este lado.
Vê se pára de empurrar.

(*Coronel vai direto a Roque. Abraça-o. Senador e Furtado apreciam a cena.*)

SENADOR

(*Muito emocionado. Dirige-se aos jornalistas.*)

Meus amigos, um momento.
Respeitemos esta cena.
Silêncio e veneração.
Naquele abraço se exprime
o profundo sentimento
da longa separação.

(*Esconde-se dos jornalistas. Tira um lenço para chorar.*)

Não tirem fotografia.
Não tirem fotografia.
Meu filho, vai e promete
ao carcereiro um lugar
numa prisão federal.
Aos jornalistas, emprêgo
no Diário Oficial
e sai um pouco da frente
ou não saio no jornal.

(*Roque fala com o público, comentando o abraço que o Coronel ainda não parou de dar.*)

ROQUE

Meu Deus, mais um pouco e ele
já me pede em casamento.

CORONEL

Eu vou falar, um momento...

(Nei Requião entra. Rumor dos jornalistas.)

NEI REQUIÃO

Não quero fotografias
nem falar com jornalista
pois é absolutamente
particular a entrevista.

(Vai a Roque. Leva-o a um canto. Coronel bufa. Senador e Furtado um pouco atônitos.)

Roque, meu querido, estava
no mato, no interior,
fazendo minha campanha
quando li com estupor
aparvalhado, surpreso,
notícia de que você
faz quase um mês está preso.

(Canta carinhoso para Roque e dança com ele.)

Eu não vou largar você
como alguns que assim fizeram.
Não, não será enxotado.

(Coronel pega Roque, dança com ele.)

CORONEL

Por mim não pode ter sido
pois Roque é meu afilhado.
Estão vendo esse marmão?
Pois fez pipi no meu colo.

NEI REQUIÃO

Ah, Deus, Deus meu, me perdoe
mas vou discutir o assunto.

(Canta.)

Ajudei-o a ser feliz
e no meu próprio banheiro
urinou quanto quis.
Roque é como meu irmão.

CORONEL

Roque foi como o filho que não tive.
Ensinei-lhe a fazer boi-dé-melão,
brinquei com ele de bicho-papão.

NEI REQUIÃO

Dei-lhe alma e envergadura.
Ensinei-lhe economia,
mostrei-lhe que a vida é dura,
mostrei-lhe como se vive.

CORONEL

Roque foi como o filho que não tive.

NEI REQUIÃO

Roque é como meu irmão.

ROQUE

(Ao público.)

Papai e o mano discutem:
uma briga em família.

(A luz se apaga. Abre. Uma suite de hotel com dois quartos. Roque deitado na cama. Brás no telefone.)

BRÁS DAS FLÓRES

É da copa do Hotel?
Aqui fala o "assessôres"
do vosso hóspede Roque

Penaforte de Murgel:
o escritor Brás das Flores.

ROQUE

Não me chamo Penaforte.

(Brás das Flores pega o cardápio e faz os seus pedidos, lendo tudo praticamente.)

Olha aí, ô, serviçal:
quero dois chás com torradas
beiju de milho e de arroz,
pamonha, batata assada,
ovos quentes, quero dois
e omelete.

Ouviu bem, hã, ô lacaio?
Quero queijo-de-são-bento
cará com mel e laranja
caranguejo suculento
mangas de cheiro, uma canja
e espaguete.

Tá escutando, ô, plebeu?
Por que não chá sem torradas?
Acqua Velve, Sana Caspa,
minutas, massas, entradas
e dois croquetes.
Obrigado, sim, ô baitola?
Suite quatorze. Exato.

(Desliga.)

ROQUE

Mas quem é que paga isso?

BRÁS DAS FLÔRES

Um quarto é o Requião
e o outro, o Honorato.

ROQUE

Um me fez pagar o pato,
agora me paga um quarto.
E o doutor Requião?
Mandou me prender apenas,
agora vem de mecenas,
de Ciccilo Matarazzo.
Aqui! Não me pegam noutra.
Não vô mais vô raso.

BRÁS DAS FLÔRES

Só porque Jesus Glicério
subiu, êles te soltaram.
E o livrinho ia tão bem...

ROQUE

Não chore, sou seu amigo.
Você fica aqui também...

BRÁS DAS FLÔRES

Não é pelo numerário
que perco: O que me entristece
é o sucesso literário
que já pressinto, esmaece.

(Campainha. Brás vai ver.)

ROQUE

Será? Deve ser Mocinha.
Não, mas que besteira a minha.
Numa peça que se preze
a heroína não entra
em cena só porque faz
tempo que não aparece.

(Mocinha aparece.)

BRÁS DAS FLÓRES

Bem, às vezes acontece.

(*Abracam-se. Brás num canto.*)

MOCINHA

Roque Penaforte.

Penaforte de Murgel.

(*Brás olha Roque com desprezo e sai.*)

Estou tão feliz, amor.
Se o Senador fôr eleito,
eu vou ser a espôsa do
filho do Governador.
É quase a primeira dama.
Poderei ter quem quizer
dormindo na minha cama.
Não vai ser ótimo, Roque?

(*Toca a campainha. Mocinha desmaia. Brás vai atender.*)

ROQUE

Meu bem, não é nada, acorde,
é o café da manhã...

MOCINHA

Quê...? Hein...? Que foi? Café? Hã...
Que susto levei, aí.

(*Riem. Brás volta.*)

BRÁS DAS FLÓRES

Quem está aí é o seu pai.

(*Mocinha desmaia de novo. Roque, aflito, começa a arrastá-la.*)

ROQUE

Ai, aí, vem, se esconde aqui...

MOCINHA

Não, tenho de sair já.
Marquei hora com meu noivo.
Vai me comprar tafetá.

(*Fica escondida. Roque aflito. Brás saiu, volta com o Coronel. Coronel abraça Roque, beija sua testa, olha-o.*)

CORONEL

Ah, meu filho, emagreceu.

(*Puxa o olho de Roque. Espia.*)

Hum, que vermelhinho ralo...
Mas não se preocupe, não.
Vou tratar de alimentá-lo.
Está gostando do quarto?

ROQUE

Muito. O mais bonito é o céu
ao pôr-do-sol. Ele arde
todo! Veja, Coronel...

(*Leva o Coronel à janela. Faz sinais para que Mocinha saia. Mocinha sai.*)

CORONEL

Mas pôr-do-sol é de tarde...

ROQUE

Aqui, às dez da manhã
êle já está lá no céu...

(*Campainha. Brás entra. Fala no ouvido de Roque. Roque fala baixo com Brás.*)

Eu recebo no outro quarto.

(Ao Coronel.)

Olha, vou limpar os dentes.
Licença, seu Honorato?

(Roque vai para o outro quarto. Brás sai. Coronel fica sozinho, meio fúlo.)

Mon Dieu de la France,
va commencer la contredanse.

(Brás aparece conduzindo Zulmirinha. Brás sai. Zulmirinha começa a se despir. Coronel, no outro quarto, espera.)

ZULMIRINHA

Ah, foi ótimo o seu nome
ter saído nos jornais.

Eu localizei você
e até que enfim não preciso
mais chamá-lo de rapaz.
Compreende, Penaforte?
Sempre detestei dormir
com gente desconhecida.
E' situação falaz
e pouco amadurecida.
Tire a roupa, Penaforte,
já estou quase despida.
Vou ter de sair correndo
que estou oferecendo
o Chá da Mãe Esquecida.

(Campainha.)

Não ligue, não. É o café
da manhã que foi pedido.

(Brás entra.)

BRÁS DAS FLORES

Está aí o seu marido.

ZULMIRINHA

Ah, é um estraga-prazer.
Vou dizer-lhe umas verdades.
Não, é melhor me esconder
e preservar a unidade
salvando assim a família.

(Esconde-se. Está só de espartilho, Nei Requião entra.
No outro quarto, aparece Brás das Flores, que começa
a falar com o Coronel. Nei abraça Roque. Olha-o.)

NEI REQUIÃO

Ah, meu querido, engordou!

(Vê o olho de Roque.)

Hum, mas que vermelho vivo.
Claro, logo melhorou
com o passadio do hotel
Está gostando do quarto?

ROQUE

Muito. E o que mais gostei
foi da pesca do xaréu.
Venha aqui ver, Doutor Nei.

(Vão à janela. Faz sinais e Zulmirinha sai como está.)

NEI REQUIÃO

Como pesca do xaréu?
Na cidade não tem mar...

ROQUE

Ah, é? Nunca reparei...
(Consigo mesmo.)

Ah, meu Deus, o Coronel!
Olhe, vou limpar os dentes,
licença, doutor Quião.

(Sai. Nei louco da vida. No outro quarto Brás das Flores cochicha com o Coronel.)

BRÁS DAS FLORES

E o senhor pode mandar
prender o Roque outra vez.
Um ano, então só um mês...

(Roque dá um pontapé em Brás. Brás sai. Depois de um tempo, aparece no quarto de Nei. Também cochicha com ele.)

ROQUE

Prontinho, meu Coronel.
Estou bonito de fato?

CORONEL

Bem, eu vim aqui porque,
você sabe, o Senador
é um grande candidato...
Vai construir mais açudes,
estradas, irrigação,
enfim, essas atitudes!

ROQUE

Ai, meu Deus, o Requião!

CORONEL

É um homem experimentado,
tem grande coração.

(Coronel anda, fala empolgado. Roque, pé ante pé, sem o Coronel perceber, vai para o outro quarto. Coronel continua fazendo mímica de quem fala. No outro quarto, Brás das Flores fala com Requião.)

BRÁS DAS FLORES

E o senhor pode mandar
prender o Roque outra vez.
Um ano, então só um mês...

(Roque dá outro safanão em Brás, que sai. Roque corre de volta para o outro quarto. Chega no momento em que o Coronel está se voltando.)

CORONEL

Ah, o Senador Furtado
tem uma cara idiota
mas é de caso pensado.

ROQUE

Apoiado, apoiado.

CORONEL

Ora, muito obrigado.

(Roque sorri. Volta para o quarto onde está Requião. Coronel, do outro lado, continua gesticulando.)

ROQUE

Pronto, doutor Requião.
Já estou limpinho e lambão.

NEI REQUIÃO

Bem, eu vim aqui porque
sabe, é que eu sou candidato
e tenho uma plataforma
que é popular de verdade.

ROQUE

É claro, claro, de fato.

(Corre para o outro quarto. Nei Requião fala e continua gesticulando.)

NEI REQUIÃO

Dinamismo e probidade...

MOCINHA

Não, não se promete o céu
mas se acaba com o inferno.

ROQUE

Não vai haver mais inferno?
Excelente, Coronel.

CORONEL

O meu obrigado eterno;
o Senador vem da roça...

(Roque corre para Requião.)

NEI REQUIÃO

Vou governar o Estado.
Não vou fazer um assalto.

ROQUE

O senhor foi assaltado?
Lamento muito, lamento.

(Nei Requião estranha um pouco. No outro quarto o Coronel fala.)

CORONEL

Trata igual o rico e o pobre,
o camponês e o jumento.

NEI REQUIÃO

Modestia à parte, meu Roque,
Sou eu o seu candidato.
Roque, vou instituir
“desemprego controlado”.

Querem construir açudes,
dinheiro mal empregado.

(Roque, cada vez mais aflito. Corre para o quarto do Coronel. Naquele minuto, o Coronel está fazendo uma pergunta que Roque consegue responder em cima da hora.)

CORONEL

Entendeu, Roque?

ROQUE

Entendi.

(Volta voando para Nei Requião.)

NEI REQUIÃO

Nossa mão-de-obra, Roque,
tem de ser a mais barata.

ROQUE

É evidente. É batata.

(Corre para o Coronel.)

CORONEL

O Senador é conhecido.
Já entrou para a história.

ROQUE

Não duvido. Não duvido.

(Volta a Requião.)

NEI REQUIÃO

Eu, perdão, sou conhecido.
Já entrei para a história.

ROQUE

Não duvido. Não duvido.

(Volta para o Coronel. Para Requião. E observa que os dois, agora, falam as mesmas coisas.)

OS DOIS JUNTOS

Só não fez (fiz) parte da glória daqueles bravos Dezoito do Forte Copacabana porque o trem desgraçado atrasou uma semana.

ROQUE

Não diga, que trem sacana.

(Roque fica na porta que comunica os dois quartos, respondendo aos dois ao mesmo tempo.)

OS DOIS JUNTOS

Na Revolução de Trinta tomou (tomei) parte dos dois lados.

ROQUE

Viu? Valeu por dois soldados.

(Os dois agora vêm para êle. Passam de um quarto para o outro com Roque no meio da porta, servindo de biombo. Os dois não se vêem.)

OS DOIS JUNTOS

Foi (fui) o único a assinar o Manifesto dos Mineiros e que não era mineiro.

ROQUE

(Ao Coronel.)

Sim, mas era brasileiro.

(A Requião.)

Sim, mas era brasileiro.

OS DOIS JUNTOS

Mas sabe o que eu quero, Roque?

ROQUE

Não.

(Roque põe uma cadeira na porta. Responde para os dois. Sorri para o público da sua invenção. A partir daqui, os três cantam.)

OS DOIS

Eu quero que você entre na minha campanha. Preciso de gente assim, gente que nunca barganha.

ROQUE

Ah, quem te viu, quem te vê.

OS DOIS

Então, vamos pra campanha?

ROQUE

Vamos!

OS DOIS

Isso, o Nei Requião

(A Honorato.)

vai ver a sova que apanha.

ROQUE

Ah, vou lhe tirar a banha.

OS DOIS

Isso, sim, meu rapagão.

(*Roque pára de cantar de estalo.*)

ROQUE

De início quero um milhão.

(*Longa pausa.*)

OS DOIS

Deu em nada a cantação.

(*Pausa. Tiram o livro de cheque.*)

ROQUE

(*Apontando Brás que voltou e viu o final da Cena.*)

Pra nós dois emprêgo público,

uma casa e um furgão.

Também quero entrar no Exército
no pôsto de capitão.

Também desejo um diploma
de médico e boticão.

(*Os dois olham Roque fuzilando.*)

OS DOIS

Mas de todo o coração.

Bem, amanhã, duas horas,
esteja lá na Assembléia.

Vamos fazer um comício
no bairro da Gailleia.

(*Entregam os cheques. Sorriso amarelo. Um não viu o
outro. Saindo, cada um por um quarto, ainda falam
juntos.*)

Por um triz, mudo de idéia.

(*Brás das Flores se pendura em Roque.*)

BRÁS DAS FLORES

Ah, meu David protetor,
meu grande rei Salomão,
não vou ser mais escritor,
não quero mais glória, não.
Serei só seu servidor.

(*Campainha.*)

ROQUE

Ainda não terminou?

(*Zulmirinha entra. Com a roupa de baíro. Pega suas
coisas enquanto fala.*)

ZULMIRINHA

Veja, saí distraída!

Só fui reparar em mim
no chá da Mãe Esquecida.

Carlota me perguntou:
por que vieste despida?

(*Veste-se. Campainha.*)

ROQUE

Meu Deus, quem será dessa

vez? O café da manhã

não pode ser porque a peça
é de baixa produção.

É tamanha a confusão
que não vou estranhar nada
se entrar por esta porta
o próprio Napoleão.

(*Soa um hino francês. Napoleão entra.*)

NAPOLEÃO

Favor, podia informar onde fica Waterloo?
Perguntei na portaria me indicaram o *water-close*.
Eu pergunto Waterloo.
Ce n'est pas la même chose.

(Zulmirinha sai. Dá com Napoleão.)

ZULMIRINHA

Céus, mas por que tanta pose?

(Luz. Abre. Sala da Assembléia. Num lado — Coronel, Senador e Furtado; no outro — Nei Requião. Os quatro se olham, estranhando. Olham no relógio ao mesmo tempo. Vêem que estão olhando no relógio. Estranham. Nei e Coronel vão ao mesmo tempo até a janela. Olham-se, invocados. Um tempo. Olham o relógio de novo. Cada um diz para si mesmo.)

OS DOIS

Roque disse que estaria aqui, às duas em ponto.

(Pausa enorme. Repetem, um olhando para o outro, pausadamente.)

Roque disse que estaria aqui, às duas em ponto.

(Tempo.)

NEI REQUIÃO

Hã, são êstes os seus meios...
Tentam comprar o rapaz.
Mas vou derrotá-los feio.
Essa política suja
é de cem anos atrás!

CORONEL

Eu não entendi... espera...
Quem quis comprar foi você!
Ele era meu filho! Era!
Ele vem aqui porque
acredita muito em mim!

NEI REQUIÃO

Ah, vem aqui é porque
acredita só em mim.

CORONEL

Em mim.

NEI REQUIÃO

Em mim.

(Coronel começa a cantar.)

CORONEL

Mim. em mim.

OS DOIS

(Duetto.)

Em mim, ó, em mim, em mim.

(Ruído de passeata se aproxima.)

Em mim, ó, em mim, em mim.

(Todos vão à janela.)

SENADOR

Que é isso?

FURTADO

É a passeata
do tal do Jesus Glicério.
É... e tem bastante gente...
Um, dois, três, cinco, seis, sete...
(*Todos olham feio.*)

É... não dá pra contar, não...

CORONEL

Tem gente...

NEI REQUIÃO

Como confete...
Tem mais que no seu comício?

CORONEL

É por aí... é... empate...
É... o dele está mais fraco...
Mais que no seu?

NEI REQUIÃO

Taco a taco.

(*Furtado lê uma faíra.*)

FURTADO

Terra a quem trabalha nela.
(*Requião lê outra.*)

NEI REQUIÃO

Terra a quem trabalha nela.

CORONEL

Pra quem trabalha na terra?

Esse sujeito é boboca.
Quer dar terra pra minhoca?

(*Todos morrem de rir.*)

Ah, como eu fui engraçado!

(*Berra para a passeata.*)

Vão dar terra pra minhoca?

(*Todos morrem de rir.*)

NEI REQUIÃO

Não adianta, estão por baixo!

CORONEL

Meu Deus, meu Deus, que esculacho!

NEI REQUIÃO

E aquele que vem ali?

CORONEL

Qual?

NEI REQUIÃO

Aquêle.

FURTADO

É o Roque!

CORONEL

Mas que está fazendo aí?
Não, não é nada, êle está
vindo pra cá, safardana.
Olha, êle está dando adeus.
(*Dão adeus.*)

NEI REQUIÃO

Não é adeus. É banana.

CORONEL

Não. É adeus.

NEI REQUIÃO

Tsu. Banana.

(*Coronel verifica. Se convence.*)

CORONEL

É banana, sim, maldito!
Filho de Zé com cigana,
de preá com Benedito!

NEI REQUIÃO

De burro com caninana,
de gato com periquito!

CORONEL

É, a tua mãe quando te
viu, disse: não acredito!

(*Fazem bananas de volta.*)

Tome, tome, tome, tome,
na minha mão tu não come.

(*Coronel xinga Requião.*)

Seu irmão, não é? Você
foi quem o tirou da prisão.

NEI REQUIÃO

Eu? Você é o papai.

E fez tamanho alarido
que quase o govêrno cai!

CORONEL

Você acreditou nêlé!

NEI REQUIÃO

Você acreditou nêlé!

DUETO

(*Cantam.*)

Você. Você. Ó, você.

(*Brás das Flores entra correndo.*)

BRÁS DAS FLÔRES

Coronel, seu Quião, Roque
se passou para o Glicério.

Eu disse: não faça isso,
não seja tão deletério.

Ouviu Glicério falar

e logo se impressionou,

disse — “nunca vi homem

falar como esse falou,

Brás. É com esse que eu vou”.

É. Desistiu do dinheiro

que os senhores iam lhe dar

e não quer mais receber

a casa nem o furgão.

Eu falei — “Roque não seja

bôbo, vamos continuar

explorando o Requião”

mas êle nem respondeu.

Eu, no entanto aqui estou

com o senhor e o Senador

cu com o doutor Requião.

(Coronel quebra uma cadeira na cabeça de Brás das Flores. Um tempo. Brás sai meio desenhado. Luz rápida reverte para a cadeia. Roque está preso outra vez. A carcereira entra com a sua marmita. Cai nos braços de Roque.)

CARCEREIRA

Ah, você voltou, voltou!

Prêso mais uma vez para novas investigações.

Nosso Senhor me ajudou.

Ouviu minhas orações.

(A Deus.)

Eu só lhe peço mais uma graça e depois fico quieta: prisão perpétua, prisão perpétua, prisão perpétua!

(Reverte a luz. Requião está sentado na casa do Coronel. Vê uma prévia eleitoral. Ao seu lado, o Desembargador cochila. Um tempo. Desembargador acorda.)

DESEMBARGADOR

Pensou que eu estava dormindo?

Engano, estou refletindo.

(Volta a cochilar.)

NEI REQUIÃO

Pela prévia eleitoral

já estou mesmo perdido.

Senador, Jesus Glicério,

pois é, entre os dois é que o

páreo vai ser decidido.

(Desembargador acorda de novo.)

DESEMBARGADOR

Pensou que eu estava dormindo?

Engano, estou refletindo...

NEI REQUIÃO

Vou mal, Desembargador...

A única solução

é fazer o Senador

deixar de ser candidato.

É capaz dêle aceitar

pois Glicério está agora

ameaçando de fato.

De minha parte, abro mão

da minha candidatura

e faz-se a coligação,

que apresenta um candidato

sim... de conciliação...

Perco os anéis fica a mão...

E, de novo, em vez de um homem,

um imbecil governador.

DESEMBARGADOR

Pensou em alguém?

NEI REQUIÃO

No senhor.

(Desembargador ao público.)

DESEMBARGADOR

Vou lhe responder de modo

delicado mas ativo.

Sintético, coisa pouca.

(Olha Requião. Tempo.)

Estou aí nessa boca.

(Entram Senador, Coronel e Furtado. Graves. Esperam que Nei fale.)

NEI REQUIÃO

Bem, senhores, quem me trouxe aqui foi a minha Pátria?

CORONEL

Como? Não foi o chofer?

(Requião engole em seco e continua.)

NEI REQUIÃO

A situação é ruim. Nem tudo é sopa no mel, pois com a nova prisão do tal do Roque Murgel subiu muito a cotação do ignóbil Jesus Glicério que defendeu o adultério e é contra a religião. Mas se Roque fica sóito vai pregar a subversão e ajuda inda mais o homem. É difícil, ninguém nega, a nossa situação.

Lembra no enrêdo e no nome a peça do *Opinião* "Se correr, o bicho pega, se ficar o bicho come". Jesus não pode ganhar. É o principal. Isto pôsto afirmo que estou disposto a renunciar, abrir mão da minha candidatura vitoriosa desde agôsto mas desde que o Senador também abra mão da sua mesmo sendo a contragosto. Assim, mandamos Jesus para as profundas do Inferno

com um candidato que una Oposição e Governo.

Eu, para Governador, proponho um homem distinto, leal, dinâmico e lindo que é o Desembargador.

(Desembargador, evidente, dorme.)

CORONEL

Não, eu acho que...

(A Requião.)

Psu...
Que é, não pode escutar...
Vai, vira a cara pra lá...
Não se faça de enxerido...
Vai, tem de tapar o ouvido.

(Requião tapa os ouvidos.)

SENADOR

Acho melhor aceitar.
Por enquanto a gente está por cima da carne seca. Podemos contrapor um candidato mais nosso para ser Governador. O meu filho, o meu avô ou até mesmo o senhor. Um bem mais do nosso lado que faça muitos açudes e aqueles nossos babados... O Jesus está subindo, nosso dinheiro sumindo...

CORONEL

Acódo com êsse aí

e com você quase eleito?
Eu vou arranjar dinheiro.
Se lhe dou a nossa vez,
está com o poder inteiro
em pouco menos de um mês.
Claro, depois da eleição,
acaba a força do pobre,
só manda quem tem o cobre.
Vai falar com esse sacana
e lhe dê uma banana.

(Senador tira o lenço. Chora. Vai a Requião.)

SENADOR

Reconheço o patriotismo
que seu nobre peito encerra
mas eu não posso aceitar.
Sou candidato do povo,
não o posso abandonar.

(Saem. Nei fica só.)

NEI REQUIÃO

O bom cabrito não berra.
Só resta uma solução:
vai sair mais caro, mas
não tem outro jeito, não.
O Senador só retira
a sua candidatura
quando sentir que o Jesus
pode ganhar a eleição
mesmo, batata, de fato.
O único jeito então
é botar o meu dinheiro
na campanha do Jesus.
E mandar soltar o Roque
pra em seus comícios falar.
Roque pode recusar.
Já deve estar assustado

com o xadrez que tem levado.
Pode até querer sumir.
Mas tenho um jeito provado
de fazê-lo refletir.

Eu ajudando Jesus!
Aonde pode a política
um homem de bem levar.
Eu ajudando Jesus...
Até que vai ser bonita
a jogada que vou dar.
O próprio Amaral Peixoto
de inveja vai espumar.

(Reversão de luz. Roque, sôto de nôvo, no hotel, fala no telefone.)

ROQUE

Já estou sôto de nôvo,
Mocinha, minha querida.
Mas êste mundo é maluco:
entro e saio da cadeia
que até pareço um cuco.
Não güento mais, vou-me embora.
Queria ajudar Jesus...
E é bom ficar popular,
conhecido onde aparece.
O diabo é que a polícia
também logo reconhece.

(Entram três sujeitos.)

Por que não foge comigo?
Hoje, não? Hoje é domingo?
Um minutinho, querida,
vou atender uns rapazes,
volto a falar em seguida.

SUJEITO 1

Quem é Roque Penaforte?

ROQUE

Eu.

SUJEITO 1

Ah, que felicidade encontrá-lo assim de cara. Estamos mesmo com sorte. É que temos dois trabalhos num só dia, coisa rara. Vamos logo começar antes que o prazo se vença.

ROQUE

Que deseja?

SUJEITO 1

Com licença.

(Começa a dar socos em Roque.)

SUJEITO 2

Gosto de bater no estômago, faz um barulho bonito.

SUJEITO 1

Ah, eu prefiro no rim.

SUJEITO 2

Não, não. Ouça e se convença; não é mais bonito assim?

SUJEITO 3

Pra mim não faz diferença.

(Roque cai.)

SUJEITO 1

Seja bastante acessível na conversa que vai ter.

(Entra Nei Requião.)

Esboce um sorriso, vamos. Não fique assim impassível.

NEI REQUIÃO

Não pense em aproveitar a saída da prisão que arranjei pra você e fugir. Não fuja, não. Continue o seu serviço para o tal Jesus Glicério. Procure logo um comício e diga lá que o Nordeste é um grande cemitério. E se não me obedecer onde fôr, mando buscar não mais para lhe bater. Dou ordem para matar.

(Sai. Os três falam juntos.)

OS TRÊS SUJEITOS

Entendeu, seu tabaréu, seu filho de boi capado, seu neto de cascavel, seu filho disso e daquilo, baboso, guenzo e tarado!

SUJEITO 1

Com licença, passar bem, sinto ter incomodado.

(Saem. Roque arrebatado. Toca o telefone. Roque atende.)

ROQUE

Sou eu, o Roque, Mocinha.
Não posso fugir agora:
surgiu um novo problema.
Sei, desmarcou o cinema
mas já não posso ir embora...

(Os três sujeitos entram de novo, pela outra porta, pelo outro quarto.)

SUJEITO 1

Quarto trezentos e três...
É aqui. O Diabo entenda!
Oh, gente, é ele outra vez...
e é a mesma encomenda,
também o mesmo freguês...
Nunca me aconteceu isso...
Vir repetir a lição.
Sabe o que é? Compromisso
com São Cosme e Damião
levou todos os capangas
da cidade à procissão.
Este ano, nós não fomos,
alguém tem de dar plantão.
Desculpe, meu bom amigo,
vamos para outra sessão?

(Batem de novo. Roque apanha, cai.)

SUJEITO 1

Seja bastante acessível
na conversa que vai ter.

(Entra o Coronel.)

Esboce um sorriso, vamos,
não fique assim impassível.

CORONEL

Está sóito, filho do povo!
Mas não pense que de novo
vai ajudar o Jesus.
Suma e para nunca mais!
Tem aqui sua passagem

(Entrega uma passagem.)

comece logo a viagem.
Voltou, morreu, meu rapaz!

(Sai.)

OS TRÊS

Entendeu, seu tabaréu?
Seu filho de boi capado,
seu neto de cascavel,
etecetera, etecetera,
conforme já foi falado.

SUJEITO 1

Com licença, passar bem.
Qualquer vingança,

SUJEITO 2

atentado,

SUJEITO 3

brincadeira de mau gosto.

SUJEITO 1

Jôgo.

SUJEITO 2

Marido enganado.

ROQUE

Eu.

SUJEITO 1

Ah, que felicidade encontrá-lo assim de cara. Estamos mesmo com sorte. É que temos dois trabalhos num só dia, coisa rara. Vamos logo começar antes que o prazo se vença.

ROQUE

Que deseja?

SUJEITO 1

Com licença.

(Começa a dar sócos em Roque.)

SUJEITO 2

Gosto de bater no estômago, faz um barulho bonito.

SUJEITO 1

Ah, eu prefiro no rim.

SUJEITO 2

Não, não. Ouça e se convença; não é mais bonito assim?

SUJEITO 3

Pra mim não faz diferença.

(Roque cai.)

160

SUJEITO 1

Seja bastante acessível na conversa que vai ter.

(Entra Nei Requião.)

Esboce um sorriso, vamos. Não fique assim impassível.

NEI REQUIÃO

Não pense em aproveitar a saída da prisão que arranjei pra você e fugir. Não fuja, não. Continue o seu serviço para o tal Jesus Glicério. Procure logo um comício e diga lá que o Nordeste é um grande cemitério. E se não me obedecer onde fôr, mando buscar não mais para lhe bater. Dou ordem para matar.

(Sai. Os três falam juntos.)

OS TRÊS SUJEITOS

Entendeu, seu tabaréu, seu filho de boi capado, seu neto de cascavel, seu filho disso e daquilo, baboso, guenzo e tarado!

SUJEITO 1

Com licença, passar bem, sinto ter incomodado.

(Saem. Roque arrebatado. Toca o telefone. Roque atende.)

161

SUJEITO 3

Dor de corno.

SUJEITO 1

Divergências

em geral.

SUJEITO 2

Rixa política!

SUJEITO 1

Pode nos chamar, terá
a nossa pronta assistência.

(*Dá um cartão.*)

Sete, zero, meia, um.
Canguinha-Forrobodó.
Bôca Insôssa e Paciência.

(*Cumprimenta e sai. Roque levanta. Pega uma mala e começa a arrumar. Brás das Flores entra também com uma mala.*)

BRÁS DAS FLORES

Bom-dia, vai bem, Roquinho?
Saiu da prisão, que bom!
Eu passei aqui pertinho,
pensei: vou lá no hotel
visitar meu amiguinho.
Aproveito, levo a mala,
me encosto lá num cantinho.
Que é isso? Que é que há?

ROQUE

Eu apanhei uma surra
para ir embora e apanhei

outra surra pra ficar.
Uma para me esconder
e outra pra me mostrar.
Um diz que se me mandar
pra muito longe daqui
tenho chance de viver....
Vou-me embora de uma vez
pro Tirol ser tirolês.

BRÁS DAS FLORES

Por causa de uma surrinha?

ROQUE

Duas.

BRÁS DAS FLORES

Ora, fôssem seis!
Vai deixar Jesus Glicério,
bandeira do camponês?

ROQUE

Ah, você nem pensa nisso.
Não quer que eu me vá embora
porque aí saio da moda.
Você perde a sua escora.
Livros, livros à mão cheia
se fico lá na cadeia.
Se fico livre, você
come e dorme à minha custa.
Dos dois jeitos tem aveia.

BRÁS DAS FLORES

Quem é você que não sabe
o que diz, meu Deus do céu,
mas que palpita infeliz.
Tiradentes se deixou
matar pela liberdade.

Sócrates bebeu cicuta
bem avançado em idade.
Dom Pedro disse que fico
pra não entornar o caldo.
Joana D'Arc na fogueira
morreu com a cruz. O Osvaldo
Cruz soube enfrentar a peste
e o grande César disse:
a alea jacta est.

*(Roque sai. Brás atrás. Reversão de luz. Estão na rua.
Ruído de rua, buzinas, etc.)*

Que vou escrever agora
se meu herói, Penaforte,
largou Jesus, foi-se embora?

ROQUE

Herói é quem não tem sorte
para escapar. Mas tenho
chance e aproveito a hora.

BRÁS DAS FLORES

Mas você tem de ficar.
Me acostumei a viver
assim de papo pro ar.

ROQUE

Qual é a estação mais perto?

BRÁS DAS FLORES

Você é meu personagem,
só faz o que eu escrever.

(Roque anda pelo palco.)

ROQUE

Não, eu não quero mais nada

com os Honorato e Requião.
Chega de tentar viver.
Se é preciso tanta força
pra seguir o coração
vou ficar morto e calado,
é a melhor solução.

Não, eu não quero mais nada
com os Honorato e Requião.

*(Anda sempre. Brás tira uma faixa de dentro da mala:
ESTAMOS COM JESUS GLICÉRIO. Anda atrás de Roque
durante essa fala. Um vozerio vai se formando.)*

Eles vivem a vida deles.
Vivem a nossa também.
Com tantas vidas assim
podem pensar que são bons
se a algumas vidas dão fim.
Ah, Honorato, ah, Requião
um dia isso tudo acaba
porque o homem veio ao mundo
foi pra ter satisfação.

(Pára. Palmas, Gritos.)

Brás das Flores, que é isso?
Mas que tanta gente é essa?

BRÁS DAS FLORES

Ora, Roque, é o seu comício.
Comício pelo Jesus.

ROQUE

(Vai para Brás. Arranca-lhe a faixa.)

Larga essa faixa depressa.

(Para longe. Como se falasse com a multidão.)

Não tirem fotografia.

Vamos, desfaz essa marcha!
Deus do céu! Ave Maria!

(Roque foge. Reversão de luz. Furtado e Coronel e o Senador esperam. Coronel arrasado vê as prévias.)

CORONEL

(Como se lesse a prévia pela milésima vez.)

Veja só, Jesus Glicério
passou longe em nossa frente...
Não entendo êsse mistério...

SENADOR

Ó, Coronel, Requião
soltou dinheiro ao Glicério
que atingiu o Oeste, o Sul,
cavou nosso cemitério...
Assim êle nos obriga
a mudar de posição:
tirar a candidatura
ir pra conciliação.
Deu um golpe de valer
pra aceitarmos candidato
o tal Desembargador...

FURTADO

Tirou Roque da cadeia.
Veja só êste jornal...
fêz comício contra nós,
ou melhor, fêz carnaval.
O senhor disse que Roque
ia embora, coisa e tal...

CORONEL

Topar conciliação?
Isso nunca. Ê um perigo.
Só um louco faz acôrdo
com seu pior inimigo.

168

SENADOR

O senhor tem mais dinheiro
pra enfrentar o Jesus
e o Requião trafoeiro?

CORONEL

Não tenho mais um tostão...
vendi até o galinheiro.

SENADOR

Eu lhe avisei, Coronel:
faça o acôrdo. O senhor não
quis. Agora o Requião
impõe. Êle vai pagar
a nova campanha tôda.
Ê, Coronel, acontece
que é preciso muita grana
para se impingir ao povo
o nome desconhecido
de um candidato nôvo.
Só Requião tem dinheiro
pra essa parada enfrentar.
Ê a vez dêle falar.
Aceitar é o que nos resta.

(Pausa longa.)

CORONEL

O senhor que sempre chora
por que não o faz agora?
Será que estamos em festa?

SENADOR

Agora a dor é honesta...
Talvez o Jesus Glicério
seja melhor do que nós.
Diz muita coisa que presta.

169

Mas eu não posso apoiá-lo...
Coragem já não me resta.

(Entram Nei e Desembargador. Todos sentam-se.)

NEI REQUIÃO

Vim com o Desembargador,
futuro governador.

DESEMBARGADOR

Bem, eu queria dizer...

NEI REQUIÃO

O senhor fala depois...

DESEMBARGADOR

Bem, eu queria dizer,
sim, que falarei depois...

NEI REQUIÃO

Nas vagas para o Senado
no pleito do ano que vem
apresento vosso nome
e o do meu concunhado.

SENADOR

Me desvanece a lembrança.

(Chora.)

Proponho o nome de meu
filho para deputado.

BRÁS DAS FLÓRES

Será bem considerado.
Atendendo à minoria,

minoría financeira
a que o senhor representa,
mantém-se na ordem do dia
várias das suas promessas
feitas durante a campanha.
Primeiro: pequeno aumento
para o funcionalismo.
Um só, pois outro não ganha.
Vejamos agora essa:
para o Secretariado
critério proporcional:
com a minoria fica
Saúde, Limpeza Urbana,
Teatro Municipal.
Nós ficaremos com o resto —
Departamento da Sêca
e a Polícia Estadual.
Salários, nenhum acréscimo
e a tempo indeterminado.
Ficou sabida a solução:
desemprêgo controlado.
E não se darão empréstimos
de modo indiscriminado.

CORONEL

Nosso açude, Senador?
Vai ser de nôvo adiado?

NEI REQUIÃO

Sim.

CORONEL

Mas doutor Requião...
Nossas terras, Senador,
sem açude...

FURTADO

A terra não
é mais do pai, Coronel.

Já vendeu ao Requião
que pagará a hipoteca.
Foi no fim dessa semana...
Em troca papai recebe
um bom pedaço de gleba
na zona rica de cana.

(Silêncio.)

NEI REQUIÃO

Alguma coisa pendente?
Passe bem. *Arrivederci.*

(*Sai com o Desembargador. Senador olha o Coronel. Um tempo. Sai. Furtado se aproxima com a aliança de noivado.*)

FURTADO

Com licença, Coronel.
Lhe informo neste momento
que rompi com o casamento.
Descobri que sua filha
com outro homem dormiu.
Vergonhoso, Coronel.
E o senhor tudo encobriu.
Prestou-se a êsse papel!
(*Sai. Um tempo.*)

CORONEL

Êles adiam aflições...
O que é que vão fazer
nas próximas eleições?...
E eu que mandei matar
o Roque, inutilidade...
Podia economizar...
Mas esta hora os capangas
não estão mais na cidade...

172

(*Reversão de luz. Roque, Brás e Mocinha entram correndo. Juntos, com medo. Longe se ouvem gritos que se aproximam "Roque. Roque Penaforte!"*)

BRÁS DAS FLORES

Estão chegando mais perto.

MOCINHA

Fugir com você foi êrro.
Ficar inda era o mais certo.
Fugi para ser feliz,
dei com os costados no mato,
onde vim pôr o nariz.

BRÁS DAS FLORES

Mas a culpa é tôda dêle.
Fêz desandar nossa sorte,
nos arrastou à penúria
e agora nos leva à morte.
(*As vozes se aproximam.*)

ROQUE

Vamos, vamos dar no pé.
Há uma cidade aqui perto.
Êles lá não vão saber
nosso paradeiro certo.

BRÁS DAS FLORES

Pode ir se indo sòzinho.
Procuram só por você,
por mim, não procuram, não.

MOCINHA

Eu também, não vou, viu, Roque?
Ê teu o meu coração
mas não pra morrer em vão.

173

(Os dois fogem. Roque quer fugir. Atarantado. Vai fugir. Um tiro.)

ROQUE

Ai, me pegou no peito,
varou meu coração.
Foi um tiro perfeito.

(Outro tiro.)

Este foi bem no rim
mas só no rim direito.

(Outro tiro.)

Um tiro bem na bôca.
Vou ficar com a voz
fanhosa e rouca.

(Outro tiro.)

Pra findar a festa
êste pegou no pé —
nunca mais dançarei
o meu iê-iê-iê.

(Cai. Silêncio. Brás e Mocinha entram. No fundo um cantor canta o tema Rolou tiro rolou tiro.)

BRÁS DAS FLORES

Roque, meu querido Roque,
mas o que te aconteceu?
Foi morto à queima-roupa
e ninguém te socorreu?
Ah, mas por que não chamou
êsse velho amigo seu?
Perdão, meu querido amigo,
morro sem estar contigo.
Mas inda irei descrever
essa morte ao desabrigo
que acaba de te abater...

O livro vai vender muito...
A desgraça faz vender...
Sou capaz de ficar rico...
Meu Deus do céu, se tiver
sorte, mas claro que fico!
Roque, estou feito na vida!
Ah, Roque, meu bom irmão!
Nem mesmo morto deixaste
de ter grande coração!

(Sai correndo.)

Edito uma coleção!
Fico rico e maganão!
Edito uma coleção!

(Mocinha fica. A luz apaga. Reversão. Coronel, na sua fazenda, está morrendo na sua cama. Bizuza está ao seu lado.)

CORONEL

Estou morrendo, Bizuza.
Vou morrer, minha mulher...
Sabe? Morreu a novilha
e a vaca Rosicler...
Esse Desembargador,
o nôvo Governador,
é pau-mandado do Nei...
Abre a janela, Bizuza,
quero escutar o rumor
das coisas que acontecem...
Mas onde que está Mocinha?
Hein? E o Roque, meu amor?
Eu quero lhe dar as terras,
êle é môço e tem valor.
Ê verdade que o mataram?

(Entram Roque e Mocinha.)

ROQUE

Estou aqui, Coronel.

Não, não me mataram, não.
É certo, todos os tiros
foram em lugar mortal.

(*Ao público.*)

Mas o mocinho morrer
no fim pega muito mal.

CORONEL

Roque, eu estou morrendo,
me dói muito o occipital.
Vou deixar para você
as terras e o algodoal.
Mas com uma condição!
não se case com Mocinha.
Já que morro, vou dizer:
não tenho certeza, não,
mas é capaz de você
ser meu filho, coisa e tal...
Não pode casar com ela
sabendo ser seu irmão.

(*Longo silêncio. Mocinha chora.*)

BIZUZA

Escuta aqui, Honorato,
acho que por isso, não.
Lembra quando você foi
passar um mês no Fundão?
Fiquei sózinha, sofria,
sofria de solidão.
Você foi na primavera,
comecinho do verão.
Veio o Desembargador
e nós jogamos gamão.
Naquele tempo ele era
juiz desta região.
Uma noite ele chegou,

176

não sei, não jogamos, não...
Conversa daqui, dali,
tomamos um Parati,
êle contou anedotas,
— como contava anedotas! —
e riu muito, eu também ri...
Foi isso, meu Honorato...
Mocinha não é tua filha.
Ela é filha do Renato
que foi Desembargador
e hoje, Governador.

CORONEL

(*Estrebucha.*)

Ah, traidora, ah, traidor!
Você me diz isso agora!
Ai, sinto muito calor...
Não posso nem me vingar
dêsse Desembargador.
Você me paga, me paga...
Mas do Desembargador?
Então Mocinha é... é...
filha do Governador?
Estamos salvos, ei, salvos!
filha do Governador?
É filha do Melequinha.
Vai construir nosso açude,
o açude, filha minha.
É filha do Melequinha!
Pensei que era transtórno
mas, não! Ah, bendito côrno!
Bendito côrno! Bendito...

(*Morre. Silêncio. Mocinha chora. Bizuza, muito emocionada, ajoelha-se e canta.*)

BIZUZA

Êle foi o único homem

177

da minha vida. Encontrei-o
no dia de São Benedito.

(As duas choram. Roque, fala ao público.)

ROQUE

Bem, meus senhores, nós vamos
terminando por aqui
que às nossas alegrias
duramente conquistadas
se juntam dores recentes,
sem falar das que nos seguem
desde épocas passadas...
Para a peça ter um fim,
vamos mostrar três finais.
Escolha o que achar certo,
o que lhe falar mais perto
ou da alma ou do nariz.
Mande às favas os demais.
Primeiro: final feliz!

*(Roque pega um chapéu e um charuto. Mocinha entra
com um carrinho de bebê. Uma criança no carrinho
também com um imenso chapéu de Coronel.)*

MOCINHA

(Canta.)

Querido, nasceu o nosso
décimo terceiro filho,
grande que parece um gato.
que nome botamos nêlé,
o de Roque ou de Honorato?

(Entra Brás das Flores.)

BRÁS DAS FLORES

Patrão, tudo resolvido.
Expulsei Zé Prêto e Mano

que eles venderam escondido
parte da safra do ano.

ROQUE

Segundo: final jurídico.

(Diz para Mocinha.)

Querida, ouça: essas terras
divido com os lavradores.
Não quero ficar com a safra
e a eles deixar as dores.

(Entra Brás das Flores de Juiz.)

BRÁS DAS FLORES

Quem é o Roque, o possessor?
Não vai fazer o que pensa.
Me acompanhe, por favor,
reabrimos seu processo.

ROQUE

E, bem, por fim, o terceiro
final. Final brasileiro.

MOCINHA

O, Roque, Jesus Glicério
é o nôvo Governador!
Na recontagem de votos
foi-se o Desembargador.
O rádio também informa
que você será chamado
para ajudar na Reforma
Agrária, que vai dar terra
a tudo que é lavrador.

(Brás entra vestido de guerreiro medieval.)

BRÁS DAS FLORES

Venho da parte de sua
Majestade, Sua Alteza
Dom Requião, o Gentil,
dizer que foi restaurada
a monarquia no Brasil.

FIM DA PEÇA

18 de janeiro de 1966.

SBD / FFLCH / USP	
SEÇÃO DE <u>Contas</u>	
AQUIÇÃO <u>S/ Cobr</u>	VALOR
<u>Div. Brasileira</u>	<u>R\$ 15,00</u>
N.º <u>203</u>	FLC
DATA: <u>19-01-98</u>	TOMBO: <u>142198</u>